
Artigo / Article

Textualidade digital e enunciação: os comentários de webnotícias

Digital textuality and énonciation: the webnews comments

Alena Ciulla 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
alenacs@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0710-9397>

Ananias Agostinho da Silva 

Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Brasil
ananias.silva@ufersa.edu.br
<https://orcid.org/0000-0001-5442-5133>

Rosalice Pinto 

Universidade NOVA de Lisboa, Portugal
rosalice.pinto@fcsh.unl.pt
<https://orcid.org/0000-0002-7638-654X>

Suzana Leite Cortez 

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
suzana.cortez@ufpe.br
<https://orcid.org/0000-0003-0983-0900>

Recebido em: 16/06/2023 | Aprovado em: 23/09/2023

Resumo

Nosso objetivo neste trabalho é fazer uma reflexão sobre o texto digital, observando as relações entre enunciação e texto que se dão em comentários de *posts* de webnotícias da rede social Instagram. Para tanto, discutimos algumas questões enunciativas, a começar pela própria configuração que assume o comentário nos textos digitais. Outro aspecto enunciativo de suma importância discutido neste trabalho é que, levando em conta os vários enunciadores que agem em uma espécie de alargamento do texto-primeiro da webnotícia, é necessário pensar o estatuto textual dessas interações. O ecossistema digital coloca em relevo aspectos da delimitação e unidade dos textos, cujas explicações em estudos anteriores, massivamente voltados ao pré-digital, não se sustentam. Por isso, lançamos uma discussão em que, para delimitar e/ou sugerir uma unidade dos textos digitais, é preciso também repensar o conceito de contexto e de textualidade.

Palavras-chave: Contexto • Quadro enunciativo benvenistiano • Recursos tecnolinguageiros • Tecnodiscursividade • Textos nativos digitais

Abstract

This paper aims to reflect on digital text, observing the relationships between enunciation and text in Instagram's web news posts comments. To this end, we discuss some enunciative issues, starting with comment configurations in digital texts. Another fundamental enunciative aspect discussed in this paper is that considering the various enunciators, who act in a sort of *enlargement* of the web news text, it is necessary to think about the textual status of these interactions. The digital ecosystem highlights aspects of the delimitation and unity of texts, whose explanations in previous studies, massively focused on the pre-digital, do not hold up. This is why we are launching a discussion in which, in order to delimit and/or suggest a unity of the digital texts, it is also necessary to rethink the concept of context and textuality.

Keywords: Context • Benveniste's approach • Digital native texts • Technodiscursivity • Technolanguage

Introdução

Em seu trabalho de análise do discurso digital, Paveau (2017; 2021) traz à tona vários fenômenos importantes no que diz respeito às maneiras de interagir pelos textos em ambientes digitais. Entre eles, estão os comentários de *posts*, que, conforme mostramos em Ciulla; Cortez; Silva; Pinto (2022), provocam uma instigante reflexão sobre a enunciação e têm consequências para o texto. Nosso objetivo neste trabalho é dar continuidade a essa reflexão, observando particularmente as relações entre enunciação e texto que se dão em comentários de *posts* de webnotícias do Instagram. Percebemos aí um excelente campo de observação por vários motivos.

Em primeiro lugar, salientamos a importância do comentário (em sua acepção ampla) na história da interação humana pela linguagem. O comentário surgiu no século VI a.C., que se tem notícia, e está associado à exegese religiosa e à crítica literária, como uma prática e técnica de expressão associada à manifestação de uma certa interpretação das coisas e dos textos. Pensando neste aspecto interpretativo do comentário, remetemos à reflexão de Edmond Ortigues (1987, p. 222), ao observar que “o comentário não nasce diretamente do texto, mas das questões que colocamos a propósito deste”. O filósofo referia-se à questão interpretativa do comentário exegético, mas, do ponto de vista enunciativo que propomos aqui, essa observação é igualmente pertinente em ambiente digital, onde observamos uma relação que se estabelece entre o texto da webnotícia e seus comentários. Essa relação caracteriza-se por uma espécie de prolongamento promovido pelas reações e comentários ao texto da webnotícia, que a transforma. Conforme acrescenta Flores (2019, p. 307), o comentador-intérprete “faz nascer algo novo a partir do que já existe”. Outra característica do comentário exegético que também serve para descrever o evento do comentário no ambiente digital é a de que se trata de

Uma hipótese que diz respeito a determinados aspectos que se quer colocar em questão; como qualquer hipótese, pode e deve ser apreciada por outros. Para tanto,

é necessário levar em conta critérios de significação e vínculos estabelecidos. Quer dizer, o comentário implica quem o faça; além disso, implica outrem: ele tem a estrutura de um diálogo (Flores, 2019, p.307).

O aspecto dialogado do comentário é exatamente o que se observa nos comentários de *posts* no Instagram, ora dialogando com o próprio texto do *post*, ora – e em grande parte dos casos – com os outros comentários vinculados ao texto do *post*.

Quanto à hipótese, contida no comentário, sobre aspectos a serem colocados em questão, ressaltamos aqui a congruência com nosso modo de ver a interpretação e a referência, conforme Ciulla (2018): os falantes as constroem de acordo com suas visões de mundo e a partir dos conhecimentos enciclopédicos e linguísticos de que dispõem. Assim, o que se comenta deve ser visto sempre como uma possibilidade de sentido, que é a interpretação particular de cada interlocutor sobre as questões que o texto evoca - há alguém implicado aí, como salienta Flores (2019). Além disso, também no comentário digital de *posts*, o comentador-internauta coloca em evidência alguns aspectos de sua leitura do *post* e dos outros comentários, conforme aquilo que entende e escolhe como relevante.

Vale salientar, porém, que, no ambiente digital nativo, os comentários, por serem produzidos por internautas em interação *on-line*, assumem características inéditas em relação ao comentário exegético pré-digital. Nos comentários digitais, vários sujeitos, cada qual identificado por um perfil de usuário, comentam um mesmo texto ou tecem comentários acerca de outro comentário postado. Além disso, interação entre si e o espaço para comentários permanece em aberto, permitindo que novos comentários possam ser adicionados, a qualquer tempo. Tudo isso resulta em uma *complexificação enunciativa*, conforme Ciulla; Cortez; Silva; Pinto (2022) destacaram.

Esses aspectos têm consequências muito importantes no que diz respeito à própria enunciação - aqui entendida como o ato de se propor como sujeito e de situar o *eu* no tempo e no espaço e, a partir disso, referir objetos e marcar pontos de vista. Em primeiro lugar, devem ser salientadas as próprias *afordâncias*¹ ou potencialidades tecnodiscursivas proporcionadas pelo ecossistema digital em que as interações ocorrem. Um jogo enunciativo é instaurado entre comentários e entre os comentários e o *post*, e são assim acionados mecanismos de segmentação e articulação inovadores em relação ao pré-digital e que fazem repensar os próprios limites do texto. Entram nessa configuração elementos tecnolinguageiros particularmente disponibilizados no ambiente digital *on line*, como os *emojis*, *hashtags*, botões para curtir, para reagir, *stickers* etc., com funções e sintagmatização específicas. O comentário, então, por sua característica enunciativa, estabelecendo relações intersubjetivas tão peculiares, coloca problemas do ponto de vista textual-enunciativo que precisam ser investigados.

Outro tema de interesse no assunto, que é trazido à baila por Paveau (2017), é um aspecto negativo do comentário digital, de ter propiciado uma arena digital de agressividade e

¹ Utilizamos a tradução do termo “affordance”, conforme Paveau (2021).

de violência verbais (Bousfield; Locher, 2008; Culpeper, 2011). A autora, contudo, não deixa de salientar a sua relevância uma vez que é “uma das formas tecnodiscursivas das mais frequentes e mais ricas da internet” (Paveau, 2017, p.36). E, do modo como o observamos, destacamos que o comentário digital é lugar não somente de interpretação, mas de formulação de hipóteses sobre questões que são julgadas como relevantes, de sugestão, de explicação (no sentido de esclarecimento ou de preservação de face), de divulgação de ideias e propostas subjetivas, de defesas de pontos de vista, de questionamentos e, sobretudo, de diálogo. Por isso e por constituir texto, trata-se de um evento que interessa à Linguística Textual.

Além disso, os aspectos enunciativos fazem agregar-se um outro interesse, sugerido por Paveau (2021), que diz respeito ao estatuto textual do comentário. Para a autora, a atividade de leitura é vista como aumentada pela prática do comentário digital, pois “a compreensão das mensagens não depende mais somente da primeira enunciação, mas integra as enunciações segundas”² (Paveau, 2017, p.32). Porém, a autora atribui esse aumento à pluralidade de enunciadores e reivindica uma revisão da noção do enunciador do quadro benvenistiano - o que contestamos. Neste trabalho, retomamos a questão enunciativa e discutimos mais a fundo nossa hipótese de que o problema levantado por Paveau (2017) está relacionado à importante questão da unidade textual. Assim, encaminhamos uma reflexão sob a égide mais ampla da textualidade, pois, a nosso ver, está aí envolvido o *faire texte*, conforme Adam (2015), ou, em outras palavras, a constituição como texto dos comentários digitais. Nesse ponto, evocamos também Giering e Pinto (2021), para quem a noção de textualidade precisa ser tema de discussão: os textos digitais colocam essa problemática ainda mais em relevo.

Assim, apresentamos, na primeira seção deste artigo, a discussão teórica de base enunciativa e textual de que partimos para fazer nossas considerações sobre o texto que se configura na relação que se estabelece entre a webnotícia e os comentários. Em um segundo momento, apresentamos uma breve caracterização da plataforma digital do Instagram e do gênero webnotícia que circula nesta plataforma, bem como dos comentários que se agregam à webnotícia, que será considerada como texto-primeiro, nossos dados principais de observação analítica. Por fim, a partir de um recorte, procedemos a um estudo exploratório de duas webnotícias e seus comentários, dando seguimento à investigação sobre essa forma de interação, no que diz respeito a questões enunciativas e que têm uma implicação na constituição desse conjunto (de comentários + texto-primeiro) como um efeito de texto único.

1 Discussão teórica

Em Linguística Textual, muitos conceitos-chave, como a própria noção de *texto*, não são consensuais. Pela complexidade do objeto texto, são esperados deslocamentos e mudanças

² No original: “la compréhension des messages ne dépend plus seulement de leur première énonciation, mais intègre les énonciations secondes”.

no modo de tratar e analisar a textualidade, a depender do enfoque e dos aspectos que são levados em conta. Além disso, observamos as próprias interações humanas se transformarem, pela relação em ecossistema com as tecnologias, conforme Paveau (2021) e, em especial, aqui, a transformação que vemos acontecer com o advento do digital na comunicação humana. Por isso, é importante que os pressupostos sejam sempre rediscutidos, à luz do que os estudos e dados recentes revelam.

De acordo com Adam (2011), as proposições de sentido são as unidades mínimas do texto e, para compreender como se dá a ligação que se estabelece entre elas, configurando aquilo que os falantes reconhecem como um texto, é preciso examinar os enunciados em três dimensões: a própria dimensão enunciativa dos enunciados, a dimensão do conteúdo referencial e a dimensão da força ilocutória. A essas três dimensões está relacionado o viés argumentativo que perpassa todo texto.

A nosso ver, a dimensão de análise enunciativa é hierarquicamente a mais importante, pois rege todas as outras, estabelecendo a instância discursiva e organizando a referência. Além disso, interessa-nos particularmente a questão enunciativa, pois os comentários digitais suscitam uma discussão, encetada por Paveau (2017), que é instigante tanto porque efetivamente envolve uma inovadora configuração textual, com diversos enunciadores comentadores, quanto porque fica evidente uma necessidade de retornar a Benveniste (2006) [1974] e sua seminal reflexão sobre a enunciação.

1.1 Enunciação

A enunciação é a colocação da língua em funcionamento, o que acontece a cada vez que um falante toma a palavra e diz algo. Benveniste (2006) [1974] propôs a descrição de um aparelho formal da enunciação para explicar como as categorias da língua são revestidas de sentido, quando são empregadas por um locutor. Ao fazê-lo, o locutor se torna sujeito, instanciando um *eu*, no tempo e no espaço, e institui um *tu*, para quem fala. Valendo-se deste aparelho formal, o locutor também institui um *ele*, de que ou de quem fala, além de acionar uma série de outros procedimentos que permitem estabelecer pragmaticamente os seus enunciados (como pergunta, ordem, dúvida, afirmação etc.), que permitem articular a referência aos objetos de discurso de certa maneira e sob diferenciados pontos de vista e que também ajudam a atribuir um certo viés argumentativo àquilo que diz. Esses agenciamentos que se dão na enunciação é que permitem aos interlocutores coconstruir os textos e seus sentidos e, por isso, é fundamental que se conheça como as línguas se aparelham para cumprir com esta função.

É importante notar que nem o aparelho formal de enunciação nem os enunciados estão prontos de antemão. Não só os recursos linguísticos de uma língua estão em constante transformação, como a cada enunciação, os falantes mobilizam recursos, cujas instância e combinação são singulares e renovadas, a cada vez. Assim, a enunciação é o ato de acionar a língua para dizer algo, mas esse algo depende de uma série de processos - que não apenas o ato de dizer - realizados pelos falantes em interação, para que seja recebido como texto.

LINHA D'ÁGUA

Para prosseguir na fundamentação do nosso trabalho, é preciso esclarecer o nosso posicionamento sobre o que postula Paveau (2017) a respeito disso. Quando a autora propõe a noção de *ampliação enunciativa*, ela o faz com base no fato de que no ambiente digital há uma série de situações em que os enunciadores atuam em conjunto para compor um texto único. É o caso dos editores de texto colaborativos, situação mais evidente, já que o efeito de leitura é o de um texto monogerido. Também seria o caso dos *blogs* e outros gêneros em que há o espaço para os comentários, que não apenas acrescentam conteúdo, mas podem ser considerados com uma função de prolongar o próprio fio textual do *blog* ou do *post* que lhes serve de ponto de partida. Essa percepção é pertinente, pois traz à tona o problema de definição do próprio conceito de texto. Assim, afirmamos que a ampliação que se dá no ambiente digital, divergentemente do que propõe Paveau (2017), não implica uma ampliação do quadro enunciativo benvenistiano, mas está relacionada a como os enunciadores operam nos comentários, resultando no prolongamento dos textos-primeiros.

Em primeiro lugar, vários enunciadores atuando em conjunto para compor um texto em aparente uníssono não é exatamente uma inovação do digital: o jogral, o coral e a coautoria são prova disso. Já a hipótese de que os comentários prolongam os textos dos *blogs* e outros gêneros que comportam textos-primeiros, isso poderia, sim, ser considerado como uma inovação do digital em relação ao pré-digital. Não pela característica de conversas múltiplas poligeridas, mas pelo modo como se articulam os comentários entre si e ao texto-primeiro.

Em segundo lugar, e mais importante para a nossa crítica, é que, em nenhum dos casos, o quadro enunciativo benvenistiano precisa ser aumentado: todos os enunciadores envolvidos nesses agenciamentos textuais poligeridos, produzindo o efeito de um texto único, ao enunciar, valem-se do aparelho formal da enunciação por um “ato individual de utilização” (Benveniste, 2006 [1974], p.82). Assim, o que está em questão é o jogo enunciativo dessas vozes que são lidas e interpretadas individualmente, mas fazem parte do todo de um texto. O que se aumenta é o texto e a quantidade de coautores e não o quadro enunciativo.

Um outro fenômeno de aumento que também sugerimos considerar é o que se dá pelo surgimento de novos recursos e elementos tecnolinguageiros que são agenciados, principalmente na escrita, ao lado dos elementos linguísticos do pré-digital. Esses novos recursos, como as *hashtags* (#), a arroba (@), os *emojis*, os botões de curtir e de reagir, os *gifs* e suas sintagmatizações, além das funcionalidades de repostagem, compartilhamentos etc. passam a integrar o aparelho formal da enunciação e possibilitam a interação pelos textos nos ambientes digitais. Por isso se fala, inclusive, em letramento digital³. É importante observar que esses novos elementos não apenas se somam aos signos linguísticos do pré-digital, mas se combinam com eles em relações que os falantes-internautas criam para dar sentidos aos seus enunciados. É nesse sentido, aliás, que Paveau (2017) fala de tecnolinguageiro, isto é, como resultante da hibridização entre a linguagem e o tecnológico. Mas reiteramos que o que muda

³ Ver sobre o assunto, por exemplo, Coscarelli e Ribeiro (2005) e Ribeiro e Novaes (2013).

e se acrescenta são possibilidades de expressão e interação, pois permanece o quadro em que Benveniste (2006[1974]) propõe pensar, sobre a necessidade de que todos e cada um dos falantes têm de se propor como sujeitos para o exercício da linguagem, ao falar aos outros, sobre as coisas, e de que isso é feito na própria linguagem, através de categorias específicas.

Em Ciulla; Cortez; Silva; Pinto (2022) propomos, então, ver a questão como uma complexificação enunciativa, pontuando alguns desafios para pensarmos sobre os limites do texto no caso dos comentários digitais. Neste trabalho, observamos se os comentários de webnotícias do Instagram formam - e como formam - uma tessitura e uma unidade, nas relações uns com os outros e com o texto-primeiro, e quais as consequências para o sentido e para a delimitação do(s) texto(s) dessa complexificação enunciativa e textual que se estabelece.

Para essa tarefa, é necessário também esclarecer, o que, em relação ao texto, estamos considerando como: i) tessitura, ii) unidade e iii) delimitação. Relacionamos essas características do texto à textualidade, conforme discutimos a seguir.

1.2 Textualidade

O termo *textualidade* remete à concepção de Beaugrande e Dressler (1981) sobre os célebres fatores de textualidade. As noções de contexto e de coerência que guiaram de maneira pioneira a proposta dos autores, ainda hoje, são centrais à reflexão sobre textualidade, pois perpassam a interpretação dos sentidos do texto e o próprio reconhecimento da unidade do texto. De acordo com Cavalcante *et al.* (2022, p.15), o tratamento analítico de um texto “pressupõe a integração de um conjunto de aspectos que respondem por sua coerência em contexto”. Contudo, desde essa reflexão pioneira de Beaugrande e Dressler até os dias de hoje, houve um alargamento da noção de texto, relacionada em grande parte justamente ao deslocamento das noções de contexto e de coerência. Parte disso é atestado quando se lê que

Trabalhos de Marcuschi, de Koch, de Fávero e de outros, como Costa Val (2004) demonstraram fartamente que o texto precisava fazer sentido para as circunstâncias para as quais ele foi produzido. Se um texto podia ser interpretado de maneira diferente dependendo da situação comunicativa, então não se deveria entender os “fatores de textualidade” como “propriedades” de uma ocorrência de texto visto como produto acabado (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 21).

Essa observação é feita a partir da percepção de que o texto é um evento interacional, que está sujeito a condições enunciativas e situacionais, a cada vez renovadas. Por isso, fatores como a aceitabilidade, por exemplo, não podem ser fixados *a priori*: é na interação que os acordos são tencionados. Também a intencionalidade não pode ser contraparte da aceitabilidade, pois nada no texto garante a motivação do indivíduo, ela é apenas um efeito possível.

A própria situação não pode se restringir à situação comunicativa imediata, se visamos compreender os textos nas suas dimensões sociais e culturais. E hoje é preciso considerar ainda,

não apenas e especificamente neste trabalho, mas, de modo geral, a relação ecológica do homem com o seu entorno em suas ações linguageiras, incluindo a interação com e pelo tecnológico. O fator situacional sofre aí também uma modificação.

Outrossim, é importante notar que considerar a situação para além da situação imediata não se trata exatamente de um alargamento da situação comunicativa, mas novamente, aqui, de uma complexificação, em que se leva em conta o momento histórico, social e cultural. Entretanto, essa consideração não é feita em termos absolutos, mas relativos, pois se trata da mobilização que os interlocutores fazem nos textos, daquilo que conhecem e podem recuperar dos seus saberes enciclopédicos, linguísticos, de vivência e de mundo.

Quanto à intertextualidade, não a consideramos mais apenas no que diz respeito ao conhecimento prévio de outros textos na produção e recepção de textos, mas passamos a reconhecer, conforme Cavalcante *et al.* (2022), que há outros diálogos, não somente entre textos específicos, mas também entre gêneros e marcas estilísticas autorais, por exemplo, além do apelo à memória interdiscursiva, aos pré-discursos, que se pode inferir a partir da identificação de marcas textuais. Além disso, hoje o ambiente digital proporciona a intertextualidade via *links*, redes sociais, plataformas diversas, como o Youtube e Tiktok, em concomitância com o pré-digital, o que modifica e intensifica a nossa relação com os textos e com a própria intertextualidade.

A informatividade também não pode deixar de ser vista em separado da orientação argumentativa a ela atrelada, em especial a partir dos estudos de Anscombre e Ducrot (1983) sobre a argumentação na língua. Ou seja, não basta ponderar sobre o equilíbrio entre informação dada e nova, responsável em grande parte pela progressão temática, mas é preciso considerar o papel dessas informações na orientação argumentativa dos textos.

Por fim, os mais conhecidos e mencionados fatores de textualidade: a coesão e a coerência. Em primeiro lugar, a coesão é um elemento de coerência, assim como todos os outros fatores, que, em conjunto, são o que permitem aos interlocutores fazer o “cálculo” sobre a adequação daquilo que ouvem ou lêem. Além disso, a coesão, embora tenha uma importância fundamental para o texto, não pode ser considerada apenas por seus recursos em um nível estritamente lexical e gramatical. Há um outro nível de conexão no texto que diz respeito ao funcionamento anafórico e dêitico de ancoragem, progressão e continuidade, e que permite observar não apenas cadeias, mas redes referenciais muito complexas, conforme também Cavalcante *et al.* (2022).

Lembramos que o próprio Beaugrande (1997) propõe deslocar de fatores de textualidade para princípios de textualização⁴, levando em conta aspectos sociocognitivos envolvidos na

⁴ A ênfase de Beaugrande (1997) parece ser o deslocamento, com base na psicologia cognitiva, de fatores para princípios, mas ainda assim pensamos que é importante deixar claro que, para nós, *textualidade* e *textualização* não se confundem. Acompanhando Adam (2006) e diversos outros autores, como Détrie (2010), Cislaru; Olive (2018) e Mahrer; Merminod (2022), distinguimos *textualização*, que diz respeito ao processo de produção de textos, de *textualidade*, termo que está relacionado às características do evento comunicativo que nomeamos de *texto*.

interação pelos textos. Com base nessa ideia, Marcuschi (2008), priorizando a coerência como uma espécie de condição para o texto, postula que ela não é dada de antemão: um texto se torna coerente, em um processo. Para o autor a coerência decorreria, nesse processo, de atividades que relacionam dados não necessariamente explicitados na “superfície do texto” (entre aspas, aqui, pois, como veremos a seguir, essa imagem não se sustenta), o que incluiria as inferências e implicitudes - daí a metáfora do texto como a ponta aparente do *iceberg*.

Contudo, se partimos da premissa de que nada no texto é totalmente dado de antemão, conforme Cavalcante *et al.* (2022), o texto todo estaria “submerso” e não haveria nada tão absolutamente explícito e aparente como a ponta do *iceberg*. E aqui vamos ainda mais longe: nem mesmo seria o caso de haver algo submerso do texto a ser revelado: o sentido, antes de ser mobilizado pelos falantes no texto, é no máximo uma expectativa, ele não está em lugar nenhum como um produto pronto e à espera de ser revelado. Além disso, ainda que essa explicação que remete ao *iceberg* faça alusão à natureza sociocognitiva inegável de certos aspectos da construção da coerência nas interações pelos textos, essa abordagem não nos dá indícios de como os falantes realizam este ou aquele sentido nos textos. São as categorias linguístico-textuais que permitem observar as diversas operações de continuidade e ruptura entre os enunciados de um texto. São essas operações que garantem, em grande parte, a tessitura - aqui vista como a característica de entrelaçamento e articulação que fazem progredir e, ao mesmo tempo, dão unidade ao texto. Entre os responsáveis por essas operações no nível mesotextual (cf. Adam, 2019) estão principalmente os elementos de segmentação: proposições-enunciados, períodos e sequências, e os elementos de função anafórica e dêitica, que articulam esses segmentos em rede, como já dissemos acima, compondo e organizando o texto.

Assim, aceitamos a ideia de que, conforme Cavalcante *et al.* (2022, p. 22), “o texto, como uma unidade de coerência em contexto, supõe a unidade de uma comunicação com todos os aspectos que para ela colaboram”. E enfatizamos que esses aspectos incluem as afordâncias do texto digital e se constituem, todos eles, como variáveis no agir coletivo, cujas marcas interacionais, sociais, de memória, de alusões etc. se inscrevem no texto, que vai se desenvolvendo a partir delas.

Entretanto, é preciso problematizar ainda um ponto sobre essa relação entre o contexto e a coerência. Nesse sentido, convocamos a discussão apresentada por Adam (2006), em uma entrevista realizada por Guy Achard-Bayle, publicada na revista *Pratiques*, cujo título é *Textes/Discours et Co(n)textes*, que, em primeiro lugar no nosso destaque, desfaz a ideia de contexto como elemento externo ao texto. E isso é importante, porque tem uma relação com a noção de textualidade que estamos encaminhando.

Para Adam (2006), um texto é uma unidade que faz sentido na condição de que sua estrutura sistêmica seja percebida. O exemplo dado pelo autor esclarece o que ele quer dizer com “estrutura sistêmica”: um tradutor pode ser considerado mau, quando não conhece muito bem o sistema da língua de chegada ou de partida; mas muito mais frequentemente o que lhe escapa, conforme o autor, é a *coerência sistêmica* do texto a ser traduzido, e isso faz com que,

em sua tradução, as escolhas não sejam coerentes com a *coerência sistêmica* do original (e às vezes também nem configuram um novo texto coerente). Um tradutor mau, apressado ou distraído traduz somente palavras, talvez frases, mas não um texto e, ainda conforme o autor:

[...] o momento hermenêutico da compreensão de um texto como forma-sentido não se realiza sem que se leve em conta sua texticidade: somente há um efeito de texto (texticidade) se um leitor experimenta um sentimento de unidade coesiva e coerente entre enunciados cotextuais (falo, sobre essa questão, de forças centrípetas em Adam (2005). A primeira contextualização é, portanto, a do texto como unidade cotextual de enunciados⁵ (Adam, 2006, p.22-23).

Nessa ponderação, Adam (2006) destaca a importância do cotexto e do que ele nomeia como *força centrípeta* do texto. Mas isso não distingue um aspecto interno em oposição a um aspecto externo do texto, como muitas abordagens (por exemplo, a de KOCH, 2002) tratam a questão do contexto. Em um segundo momento, o autor justifica o seu afastamento da noção de contexto que pressupõe uma oposição e uma complementaridade entre texto e discurso.

Para o autor, texto e discurso se entrecruzam e se justapõem. Para entender melhor a questão, Adam (2006, p.23) sugere retornar ao fato de que se confunde, muito frequentemente, o contexto como conjunto de “elementos que completam ou que asseguram a interpretação global de um enunciado” e/ou “lugares de onde se originam direta ou indiretamente, isto é, por inferência, esses elementos” nas palavras de Kleiber (1994, p.14). Misturam-se, assim, dados do ambiente linguístico imediato aos dados do mundo empírico. Contudo, e concordamos plenamente com Adam (2006) neste ponto:

Não temos acesso ao contexto como dado extralinguístico objetivo, mas somente às (re)construções pelos sujeitos falantes [...]. As informações do contexto são tratadas sobre a base dos conhecimentos enciclopédicos dos sujeitos, de seus pré construtos culturais e outros lugares comuns argumentativos⁶ (Adam, 2006, p. 23).

O contexto não diz respeito a um mundo externo à língua, mas ao mundo que é reconstruído na linguagem, nos textos, pelos falantes. É assim que podemos dizer que, de um ponto de vista linguístico, o contexto entra na construção do sentido dos textos.

E é por isso que, desta vez seguindo Kleiber (1994), Adam (2006) escreve *co(n)texto*: para destacar que a interpretação de enunciados isolados leva em conta tanto a (re)construção de enunciados à direita e à esquerda do ponto de vista sintagmático (cotexto) quanto a operação que consiste em supor uma situação de enunciação que torna possível o enunciado considerado (contexto).

⁵ No original: “[...] le moment herméneutique de la compréhension d’un texte comme forme-sens ne va pas sans une prise en compte de sa texticité : il n’y a effet de texte (texticité) que si un lecteur éprouve un sentiment d’unité cohésive et cohérente entre des énoncés co-textuels (je parle, à ce propos, de forces centripètes dans Adam 2005. La première contextualisation est donc celle du texte comme unité co-textuelle d’énoncés”.

⁶ No original: “[...] nous n’avons pas accès au contexte comme donnée extralinguistique objective, mais seulement à des (re)constructions par des sujets parlants [...] Les informations du contexte sont traitées sur la base des connaissances encyclopédiques des sujets, de leurs préconstruits culturels et autres lieux communs argumentatifs”.

Podemos concluir, com Adam (2006), então, que o texto não é uma entidade estável, autônoma e fechada, mas bem “contextual”, no sentido da abertura que tem às relações contextuais e que lhe conferem coerência. Sob esse viés, o contexto é um construto complexo que, como os outros elementos de textualidade, depende do agir coletivo entre os interlocutores e contribui para o estabelecimento da coerência e, portanto, da unidade do texto.

Acrescentamos, por fim, a questão de que também os limites do texto são aí, nesse agir coletivo de construção da coerência e unidade do texto, estipulados. Em outras palavras, são os interlocutores que, em interação, estabelecem o começo e o fim dos textos. É claro que há uma infinidade de textos, cuja organização com procedimentos prototípicos de abertura e fechamento deixa marcados esses limites. Assim são as cartas comerciais e os ofícios, que iniciam com a data e *Prezados Senhores*, terminando com uma fórmula de polidez, como *atenciosamente*, seguido da assinatura, as conversas orais, que normalmente iniciam por uma fórmula de cumprimento e saudação e são encerradas por uma despedida, os contos de fada, que começam com *era uma vez* etc. Mas em várias outras situações, os limites do texto dispensam - ou não comportam - esse tipo de marca fronteira. É o caso que vamos analisar, das webnotícias e seus comentários no Instagram.

A textualidade, como se vê, envolve muitos aspectos e pode ser abordada por perspectivas diferentes da que elegemos aqui. Além disso, muito se tem a investigar sobre a textualidade ligada aos elementos peritextuais, aos modos de textualização dos diferentes gêneros, às diferenças entre a textualidade do oral e do escrito, à tessitura periódica e à estrutura sequencial, aos modos de conexão que estabelecem as redes referenciais etc. (ver Adam, 2015; 2019 e Matos, 2018). Por isso, não temos a pretensão de esgotar o assunto nem de encerrar a discussão. Nosso intuito é o de trazer à tona a problemática envolvida neste princípio - tão caro aos estudos, e que, não à toa, está ligado à epistemologia do texto e à própria nomeação do *texto* - e também esclarecer o encaminhamento que propomos para as nossas análises neste trabalho.

Tratamos aqui de três aspectos da textualidade: a *tessitura*, em que operações de continuidade, ruptura e progressão do texto estão em jogo, em especial através dos elementos de segmentação (Adam, 2019) e dos processos referenciais anafóricos e dêiticos (Cavalcante *et al.*, 2022); a *unidade do texto*, que é reconhecida a partir de elementos de coerência, incluindo os contextuais, vistos aqui como emergentes do próprio texto; e os *limites (ou delimitação) do texto*, que estão relacionados a questões de padronização sequenciais, conforme Adam (2019), e genéricas, mas também a aspectos enunciativos. Observamos que esses três aspectos da textualidade estão inter-relacionados, pois os elementos de um influenciam no outro. Assim, a tessitura também contribui para a unidade e delimitação do texto. A unidade, em parte, é dada também por aspectos de delimitação e as marcas de delimitação contribuem, por sua vez, para a tessitura e unidade.

Ressaltamos, porém, que a imensa maioria dos estudos até então desenvolvidos sobre a questão consideravam a textualidade em um ambiente pré-digital. Aqui investigamos como se

dá a tessitura, delimitação e unidade dos textos no ecossistema digital, explorando exemplos de webnotícias com comentários.

Antes das análises propriamente ditas, teceremos considerações gerais sobre este gênero nativo digital, mostrando as possíveis afordâncias que possam dele advir e que colaboraram na construção dos textos neste ambiente digital.

2 Características gerais da webnotícia do Instagram

Nesta pesquisa, do tipo qualitativa e de caráter exploratório e interpretativista, os dados de análise foram gerados a partir de *post* e comentários da rede social *Instagram*. Particularmente, os exemplos aqui analisados foram gerados do perfil @jornaloglobo, do jornal brasileiro *O Globo*, selecionados de modo a priorizar um recorte, cuja discussão não enveredasse para ou exigisse necessariamente a análise de aspectos ideológicos atrelados à textualidade. Isso porque, neste momento, nosso foco recai sobre os aspectos da textualidade objetivamente discutidos no presente trabalho, em especial sobre a constituição dos comentários como prolongamentos do *post*.

Os dois *posts* selecionados apresentam webnotícias, e a elas são associados vários comentários realizados por internautas que seguem ou interagem com o perfil do jornal. O primeiro *post* foi publicado em 02 de junho de 2023 e sua webnotícia trata sobre uma tempestade de areia ocorrida no Cairo, no Egito. A configuração desse *post* dispõe de um vídeo da tempestade, sob o qual se encontra o *layout* do jornal *O Globo* e o título da webnotícia; ao lado esquerdo⁷, encontra-se um trecho verbal com breve detalhamento das informações noticiadas. O segundo *post* foi publicado em 01 de junho de 2023 e sua *webnotícia* trata sobre breve biografia da cantora brasileira Fafá de Belém. O *post* é constituído de uma fotografia da cantora e de um enunciado verbal disposto ao lado esquerdo com informações sobre sua biografia.

Considerando que o fluxo de publicações no ecossistema digital Instagram pode ser bastante dinâmico, buscamos dar conta de um *instante discursivo* (Moirand, 2020), que corresponde ao momento em que os dados foram gerados pelos pesquisadores a partir de ferramentas de capturas de telas do computador. Observamos que, ao longo da análise, os números de curtidas e de comentários mudaram, pois, como se sabe, a qualquer tempo, a webnotícia pode ser acessada, possibilitando a reação dos internautas por botões específicos para isso, e os comentários estão sempre em aberto, para que se acrescentem novos comentários. No *instante discurso* deste trabalho, dia 12 de junho de 2023, às 12h52, o primeiro *post* contava com 55326 curtidas e 860 comentários; e o segundo, com 1685 curtidas e 40 comentários. Desses conjuntos, tendo em vista os objetivos deste artigo, foram recortados para exemplificação alguns comentários que ilustram os fenômenos aqui analisados.

⁷ Os dados foram gerados por computador – em aparelho telemóvel, essa configuração pode ser diferente.

Para organizar as análises efetuadas, pontuamos o texto do *post* da *webnotícia* como texto-primeiro e os comentários foram numerados e ordenados de forma crescente com um número cardinal, para que possamos referi-los na análise. Para resguardar a identidade dos usuários, utilizamos uma tarja preta sobre o nome de seu perfil e um círculo codificado sobre a fotografia que o identifica. Ressaltamos que os números dos comentários mencionados no exemplo 1, de C1 a C18, e no exemplo 2, de C1 a C6 indicam a sequência em que aparecem na *thread* de cada *post* dentro do recorte de comentários que selecionamos para exemplificar.

3 Estudo exploratório e análises

Partimos da ideia, já formulada em Ciulla; Cortez; Silva e Pinto (2022), de que os efeitos enunciativos dos comentários de webnotícias têm como consequência uma espécie de fusão do texto da webnotícia com os comentários. Essa fusão explica-se, na medida em que, por um lado, os comentários não são compreendidos nem isoladamente do texto da notícia que os origina, nem apartados dos outros comentários da mesma postagem. Por outro lado, o texto da webnotícia é prolongado com os comentários que são feitos. Assim, nosso intuito é o de verificar quais recursos enunciativos são empregados pelos comentaristas nesse prolongamento e como esses recursos desempenham um papel para a textualidade que, conforme nossa proposta aqui, será observada quanto à articulação e progressão, unidade e limites do texto.

Esclarecemos ainda que, para as categorias que observamos em nosso estudo exploratório, seguimos a sugestão de Adam (2011), quanto à análise das dimensões enunciativa, de conteúdo referencial e da força ilocucionária, e consideramos o viés argumentativo que perpassa todo texto, como já mencionado. Neste trabalho, nosso foco, contudo, está na dimensão enunciativa e de como aspectos enunciativos estão relacionados à textualidade.

Relembramos também que, sob os pressupostos aqui discutidos, a textualidade se dá principalmente pela *tessitura*, através de i) elementos de continuidade, ruptura e progressão, cuja análise foi realizada a partir da referenciação, conforme os pressupostos que encontramos em Cavalcante *et al.* (2022) e ii) segmentação, cujo enfoque parte da análise textual dos discursos sugerida por Adam (2019).

A seguir, apresentamos uma análise de duas webnotícias e respectivos comentários, publicadas no Instagram.

Figura 1. Exemplo 1

O GLOBO
Grande tempestade de areia engole o Canal de Suez no Egito

jornaloglobo • Seguir

jornaloglobo Uma pessoa morreu e outras cinco ficaram feridas nesta quinta-feira, quando um outdoor desabou em uma via principal após uma tempestade de areia que varreu a capital do Egito. Uma nuvem alaranjada cobriu Cairo obrigando os habitantes da cidade a se abrigarem para fugir dos fortes ventos que transportavam areia. O incidente aconteceu na ponte do viaduto de 6 de outubro no bairro de Ghamra, no centro do Cairo.

Leia mais no site do #JornalOGlobo.

55.237 curtidas
JUNHO 2

Adicione um comentário... Publicar

C1 Só de pensar que o Egito já foi a nação mais próspera da Terra e hoje é um nada, é arrepiante

1 sem 87 curtidas Responder

C2 @ de uma pesquisada sobre a economia do Egito. Está à beira da falência. Nível Argentina a inflação

1 sem 2 curtidas

C3 @ E o Brasil é o que? Kkkkkk riqueza natural, porém explorada e abusada ao extremo. Cheio de gente sem noção.

1 sem 19 curtidas

C4 @ Voltei de lá semana passada. Ajudei muita gente. É muita pobreza. O turismo leva comida pra muita gente. O tempo estava bom.

1 sem 3 curtidas

C5 @ a Mãe de Deus pesa...

1 sem 2 curtidas

C6 impossível não lembrar de "A múmia"

1 sem 216 curtidas Responder

C7

1 sem 2 curtidas

C8 @ a gente fica com a sensação de que a qualquer momento o rosto da múmia vai aparecer ali

1 sem 10 curtidas

C9 @ já eu lembrei do filme "O príncipe da Persia"

1 sem 6 curtidas

C10 @ pode ser o Escorpião Rei rs.

1 sem 3 curtidas

C11 Imotep acoi de mal humor hoje...

1 sem 117 curtidas Responder

C12 Comecei a espirrar vendo o vídeo quem tem rer é assim.

1 sem 101 curtidas Responder

C13 Imagina as roupas no varal como ficaram...

1 sem 18 curtidas Responder

C14 Natureza revoltada não tem como escapar

1 sem 11 curtidas Responder

C15 "Sou a chuva que lança a areia do Saara sobre os automóveis de Roma"... fenômeno natural

1 sem 57 curtidas Responder

C16 A natureza é impressionante

1 sem 140 curtidas Responder

C17 @ tudo bem aí c vcs?

1 sem Responder Ver tradução

Ocultar respostas

C18 @ tudo bem, Jul Agora vai ter de novo a tempestade de areia

6 d Responder Ver tradução

Fonte: https://www.instagram.com/reel/Cs_Xj5M2mm/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MmJiY2I4NDBkZg==

O título da webnotícia (figura 1), “Grande tempestade de areia engole o Canal de Suez no Egito”, especialmente pelo acréscimo do adjetivo *grande*, qualifica a tempestade, nome que por si só traz a ideia de magnitude. Ainda a escolha do verbo *engole* coloca em saliência a grandiosidade devastadora do fenômeno. Reforça essas escolhas enunciativas a imagem que acompanha o *post*, uma das características da webnotícia do Instagram que a qualifica como plurissemiótica e que tem um papel importante na construção do sentido dos textos. Nesse caso, foi escolhido um vídeo da cena da tempestade, o que traz a vantagem, para o propósito que se desenha aí, de causar ainda mais pavor ao leitor, pela visão da enorme massa de areia e pelo seu movimento assustador sobre o canal e sobre os navios. Essa imagem aterrorizante é aumentada, ainda, pelo texto da notícia, em que é anunciado “que uma pessoa morreu e outras cinco ficaram feridas” por causa de um *outdoor* que caiu, pela força de “uma tempestade de areia que varreu a capital do Egito”. O texto continua, informando que “uma nuvem alaranjada cobriu Cairo, obrigando os habitantes da cidade a se abrigarem para fugir dos fortes ventos que transportavam areia” e encerra com detalhes sobre o local do acontecido. No que diz respeito à sequência, conforme Adam (2019), temos aí uma dominante narrativa, típica de uma notícia jornalística (agentes que operam ou sofrem uma transformação em um período de tempo e lugar determinados), a respeito de um evento de catástrofe. O tema é, então, a catástrofe provocada pela tempestade de areia.

Contudo, imediatamente após o texto-primeiro, seguem-se os comentários e as curtidas. Em um dos comentários (C6), o internauta digitou “Impossível não lembrar de a múmia 🐼”, seguido de um emoji de espanto. Em outro (C13), se lê: “Imagina as roupas no varal como ficaram...”. O filme *A múmia*, evocado em C6, é de uma aventura divertida, em que os heróis enfrentam adversidades, inclusive grandes tempestades de areia, mas, como em todo filme do gênero, conseguem superá-las com êxito, sem nem mesmo graves ferimentos. Uma das interpretações possíveis para o emoji de espanto é que talvez o internauta de C6 tenha se preocupado em mostrar que fez piada, mas não é insensível à real situação. Todavia, em uma outra leitura, o emoji apenas reforça o tom irônico, na comparação da cena verdadeiramente assustadora com a cena de fantasia do filme. O comentário de C13, sobre as roupas no varal, associa-se inevitavelmente à nuvem alaranjada de areia, tanto mencionada no texto da notícia, quanto na que aparece na imagem da tempestade. E, assim, o tom trágico que se impõe num primeiro momento se desfaz, parcialmente, e o texto passa a ter, nesses encaminhamentos de comentários, um aspecto também cômico.

Outros comentários em tom igualmente cômico dão seguimento a C1, como em C2, com o emoji 🤔 (chorando de rir) que retoma anaforicamente o conteúdo do comentário de C1. A retomada anafórica feita pelo emoji pode ser verificada pela posição no fio dos comentários, como em resposta a C1, e expressa uma reação de aprovação e risos à associação feita em C1 entre a catástrofe real no Egito e as tempestades de areia do filme *A múmia*. Em C8, o internauta também faz uma retomada anafórica do filme *A múmia* mencionado em C6: “a gente fica com a sensação de que a qualquer momento o rosto da múmia vai aparecer ali”, dando continuidade

à linha cômica de leitura da notícia e acrescentando, com o dêitico “ali”, um efeito de se colocar na cena (conforme Ciulla (2008), sobre os efeitos de engajar o interlocutor).

Em C9 e C10 há outra relação anafórica e intertextual, na menção de outros filmes com cenários e temáticas semelhantes, *O príncipe da Pérsia* e *Escorpião-Rei*, respectivamente. É importante observar que essas relações anafóricas entre os comentários estão em rede (Matos, 2018; Cavalcante *et al.*, 2022), encontrando suas âncoras tanto no texto-primeiro quanto nos comentários e também servindo de fonte para outros objetos de discurso que vão sendo construídos ao longo dos comentários em um movimento de teia - um verdadeiro tecido - e não de cadeia linear. É dessa maneira que o objeto de discurso *tempestade de areia* vai ganhando diferentes contornos, da catástrofe do texto-primeiro ao ficcional (cômico, aventureiro, etc.) dos comentários, como em C6, C9 e C10. No caso de C13, outro aspecto do objeto *tempestade de areia* é retomado e reconstruído, fazendo emergir um novo objeto, que são *as roupas no varal*. Fica aqui evidente, nessa tessitura, uma das características da constituição textual entre a webnotícia e os comentários, em que objetos de discurso se transformam e evoluem (cf. Apothélos; Reichler-Béguelin, 1995) fazendo progredir o texto.

Um comentário interessante é também o que aparece mais adiante em C11. O internauta escreve “Imotep acordou de mal (*sic*) humor hoje...”, estabelecendo uma referência com o personagem histórico, que foi arquiteto, médico e filósofo do Egito Antigo, mas que alude também ao personagem morto-vivo do filme *A múmia* e que, entre outras coisas, controla as areias do deserto. Novamente, aqui, o comentário se insere na rede referencial, fazendo progredir um viés mais cômico da notícia.

Outros comentários contextualizam socialmente, economicamente e historicamente a catástrofe, ou a relacionam a essas questões, como por exemplo, em C1: “Só de pensar que o Egito já foi a nação mais próspera da Terra e hoje é um nada, é arrepiante”. Mas mesmo encaminhando outros aspectos, dentre os vários que suscitaram a notícia do *post* de *O Globo*, percebe-se que os comentários são segmentos articulados a um eixo, contribuindo para a tessitura: proposições-enunciados, às vezes expressos por apenas um emoji, períodos únicos ou uma composição de períodos. Por vezes os períodos múltiplos de um comentário formam até mesmo um tópico definido, que desenvolve uma sequência de mini narrativa, como em C4: “Voltei de lá semana passada. Ajudei muita gente. É muita pobreza. O turismo leva comida pra muita gente. O tempo estava bom.” Entretanto, percebe-se a articulação com o texto-primeiro (“voltei de lá” e “o tempo estava bom”, referindo-se claramente ao Egito e ao mau tempo noticiado) e com os outros comentários, que haviam aberto uma discussão sobre questões políticas e econômicas do Egito, encetada em C1, que, por sua vez, havia afirmado que o Egito “hoje é um nada”. O desvio do assunto - da catástrofe natural da tempestade a mazelas sociais e econômicas -, do modo como vemos aqui, não quebra a tessitura, mas estabelece uma relação de ruptura de um lado e de continuidade de outro, fazendo progredir o texto, ainda que em outra direção.

Um outro tópico associado à questão social e econômica também se mescla aos comentários, que é a comparação com outros países, como em C2: “de (*sic*) uma pesquisada sobre a economia do Egito. Está à beira da falência. Nível Argentina a inflação” e em resposta, logo a seguir, em C3: “E o Brasil é o que? Kkkkkkk riqueza natural, porém explorada e abusada ao extremo. Cheio de gente sem noção”.

Ainda outras duas temáticas foram abordadas nos comentários, até o momento do recorte do exemplo. Uma delas é a do ponto de vista ambiental, como em C15: “Sou a chuva que lança a areia do Saara sobre os automóveis de Roma’... fenômeno natural”, em C16: “A natureza é impressionante ” e em C14: “Natureza revoltada não tem como escapar ”. A última temática que distinguimos é a da religião, em comentários como C5: “a Mão de Deus pesa...”.

Por fim, observamos comentários pessoais de internautas que se conhecem e, aparentemente, alguns deles moram no Egito, outros não, e se comunicam pelos comentários ligados ao texto-primeiro da notícia sobre a tempestade. A troca que exemplifica esse encaminhamento é C17 “   tudo bem aí c vcs?” e a resposta em C18: “tudo bem, Ju! Agora vai ter de novo a tempestade de areia ”. Percebe-se a relação de pessoalidade e intersubjetividade pelo uso do apelido (“Ju”) e pela menção da categoria de pessoa em *vcs*.

Em síntese, podemos notar que, na webnotícia do exemplo 1, o tema principal é construído pelo objeto de discurso da catástrofe iminente e já provocada pela tempestade de areia no Egito. Os comentários encaminham, entretanto, outros temas que se derivam desse objeto de discurso, e não somente a catástrofe pelo fenômeno da natureza. Muitos tomam, como tema principal a desenvolver, o aspecto econômico, social e político do atual Egito, em comparação com outros países, enquanto outros recortam o aspecto mais lúdico da memória de filmes que a tempestade de areia evoca, e ainda outros aproveitam para conversar com amigos que moram no local, para ter notícias deles e mostrar que se preocupam.

O que se observa é que, em grande parte das vezes, não se mantém o mesmo conteúdo temático, embora objetos referidos no *post* sejam retomados e reconstruídos nos comentários. Dessa forma, ou o objeto de discurso principal é referido, mas o que se diz sobre ele encaminha a leitura para aspectos variados, em relação ao texto-primeiro, ou novos objetos vão emergindo, a partir do próprio texto-primeiro ou dos comentários. Assim, o texto é prolongado, mas com desenvolvimentos bem diversos: alguns comentários mantêm a temática proposta, mas muitos outros desenvolvem coisas diferentes.

Corroborando com essa percepção, Gonçalves e Carrilho (2020) observam essa imprevisibilidade das práticas do comentário, os quais seriam, para os autores, um “sistema aberto” e em cascata:

Observa-se nos comentários das redes sociais um desvio da atenção do texto fonte para outros tópicos advindos da multiplicação em cascata da atividade comentadora (Paskin, 2010), promovida pelo quadro “conversacionalizante” (retomamos aqui a expressão de Paveau, 2017), oriundo da arquitetura dessas plataformas de comunicação digital. (Gonçalves e Carrilho, 2020, p.193).

Calabrese (2019), por sua vez, destaca as diversas razões pelas quais, de acordo com pesquisa realizada em 2011, os internautas comentam: fazer ouvir suas opiniões sobre assuntos de interesse público, desopilar, trocar e compartilhar informações com outras pessoas, estabelecer conexões sociais pela discussão política, empoderar-se como cidadãos e convencer e influenciar outros – de certa maneira, essas motivações podem justificar, em parte, o fato observado, de que os comentários tendem a se afastar da temática do texto-primeiro, em função dos múltiplos caminhos interpretativos por eles propiciados.

Vejamos mais um exemplo (figura 2).

Figura 2. Exemplo 2



- C1** [perfil] E o que fazia ela na Comitiva do L4drao em Portugal. A pergunta que não quer calar.
1 sem 3 curtidas Responder
- C2** [perfil] 🤔 A Fafá é bolsomita???? Duvido.
1 sem 8 curtidas
- C3** [perfil] Confirma filha, até hj não caiu a ficha?
1 sem 1 curtida Responder
- C4** [perfil] Gente.. começa o texto assim.. que susto
1 sem 22 curtidas Responder
- C5** [perfil] Oiiii!?!?! Estagiário na redação? Por pouco pensei que havia partido. Que bom, só é mais um pouco dessa estrela. ❤️
1 sem 9 curtidas Responder
- C6** [perfil] Uma das maiores! ❤️
1 sem 1 curtida Responder

Fonte: https://www.instagram.com/p/Cs9G3qLL7Sw/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MmJiY2I4NDBkZg==

Neste segundo exemplo, com teor cultural, a webnotícia versa sobre a imagem de uma importante cantora popular do Brasil. O texto-primeiro recupera a trajetória musical de Fafá de Belém, ressaltando suas qualidades e talento. Do ponto de vista da relação do texto-primeiro com os comentários, todavia, notamos situações semelhantes às que observamos no exemplo 1: o texto-primeiro é prolongado pelos comentários, que o modificam, acrescentando informações, opiniões, críticas e pontos de vista. No entanto, o que destacamos neste segundo exemplo, além da temática que se pode inferir a partir da reconstrução dos objetos de discurso, são aspectos enunciativos muito interessantes de escolhas que o redator do texto-primeiro fez e de como isso impactou no modo de muitos internautas, seguidores de *O Globo* no Instagram, receberem, num primeiro momento, a notícia.

O *post* de O Globo traz a foto de Fafá de Belém jovem e em preto e branco, o que faz pensar que é uma foto antiga. O texto inicia, convocando o perfil Instagram do *acervo Globo*, através do sinal de arroba, um recurso próprio do aplicativo, e apresenta uma retrospectiva da cantora, desde o início de sua carreira. Essas escolhas enunciativas evocam nos internautas alguns comentários, como C4: “Gente.. começa o texto assim.. que susto 🤔”. Logo a seguir, outro comentário, expressando susto e indignação (C5): “Oiiii!?!?! Estagiário na redação? Por pouco pensei que havia partido. Que bom, só é mais um pouco dessa estrela. ❤️”. Seguem-se, a partir daí, comentários que se alternam entre o retorno à questão política (iniciado por C1, o primeiro comentário da *thread* dos comentários postados), elogio e admiração à cantora e, novamente, o susto por achar que ela havia morrido.

Observamos também que o primeiro comentário (C1) critica a orientação política de Fafá de Belém e a ele se seguem vários outros que se engajam nesse viés de discussão. É interessante pensar o quanto os internautas tendem a se engajar, quando o assunto é política partidária e/ou ideologia política - o que explicaria o fato de o primeiro comentário e grande parte dos outros serem dedicados a esse tema, no caso de uma matéria cultural, que, no texto-primeiro, trata única e exclusivamente da trajetória musical na vida de uma cantora. Entretanto, sabe-se que ela expõe publicamente sua posição político-partidária, o que talvez seja o motivo pelo qual os internautas, ligados nas redes, tenham essa questão em saliência discursiva. Mas essa tendência seria assunto para outro trabalho, em que pudéssemos investigar mais sistematicamente esse fenômeno do comportamento dos internautas que, conforme Calabrese (2019), incorporam diversas motivações aos seus comentários.

Do ponto de vista da textualidade, o que podemos reiterar aqui é o fato de que, nessa conjunção entre *post* + comentários, é recorrente a relação de ruptura e continuidade temática que tem um efeito de unidade textual. No exemplo 2, as escolhas enunciativas do próprio redator do *post* propiciam uma certa leitura em que se configura uma ideia de homenagem *post mortem* à cantora e, portanto, permite construir este objeto de discurso. Esse susto se mescla aos comentários de admiração pela cantora e de certo alívio por ela estar, de fato, viva. E, por fim, a discussão política está relacionada com outra aparição recente (em relação ao *post*) da cantora ao lado do presidente Lula em viagem oficial. Dessa maneira, podemos dizer que, também neste exemplo, a unidade do texto se dá não por um tema, mas pela articulação entre diferentes comentários que, a partir da construção da referência de alguns dos objetos de discurso potencialmente salientes naquela interação promovida pelo *post*, permitem reconfigurar o texto como um todo.

Considerações finais

A tessitura do texto que abarca os comentários como prolongamento do texto-primeiro envolve mecanismos de segmentação e articulação muito peculiares, como exemplificamos neste trabalho. Os comentários se articulam ora ao *post* principal da notícia ora aos demais comentários, estabelecendo relações anafóricas através de expressões nominais, com auxílio de elos coesivos e também através de emojis e gifs. Tal articulação também proporciona a possibilidade de que se estabeleçam diferentes tipos de sequência aos enunciados aos quais se ligam, pois os comentários podem: originar ou dar continuidade a uma célula argumentativa (nos termos de Adam, 2019), iniciar ou dar continuidade a uma narrativa, descrever um aspecto para promover uma avaliação, fornecer uma explicação etc. O texto da webnotícia do Instagram, assim, embora tenha características genéricas semelhantes às de outras webnotícias, assume uma diferente configuração devido ao prolongamento operado pelos comentários, através de seu modo próprio de operar segmentações e articulações, que acrescenta diferentes contornos e encaminhamentos ao texto. Além disso, são essas rupturas e continuidades que proporcionam uma unidade ao texto.

Os tópicos dos comentários, como vimos, não evidenciam necessariamente um alinhamento temático ao texto-primeiro nem mesmo entre os próprios comentários. O que lhes confere *tessitura* é a conjunção dos vários enunciados, orquestrados pela voz dos enunciadores-internautas. É dessa maneira que aí encontram, nesse ecossistema digital, o modo de expressar ideias próprias a respeito dos tópicos. Nesta dinâmica, emerge a conversacionalidade, conforme Paveau (2021). Para nós, é por meio dessa dinâmica que a tessitura é constituída, e é a partir dela que o texto se estabelece. Isso faz pensar que a unidade temática não é uma condição *sine qua non* do texto enquanto unidade de sentido, uma vez que a unidade, neste ecossistema, é de outra ordem⁸.

Encaminhamos a noção de que a unidade textual é dada, portanto, pela própria interação naquele ambiente e, assim, podemos retomar o que foi dito anteriormente aqui, inspirado em Adam (2006), de que o texto não é uma entidade estável, autônoma e fechada, mas muito *contextual*, no sentido da abertura que tem às relações que se dão na interação pelo texto - e aqui, em especial, no ecossistema digital - e que lhe conferem coerência. Reforçamos, assim que, sob essa perspectiva, o contexto é um construto complexo que, como os outros elementos de textualidade, depende do agir coletivo entre os interlocutores e contribui para o estabelecimento da coerência e, portanto, da unidade do texto. No caso dos comentários digitais de *posts*, como os que mostramos aqui, essa unidade não é a de um sentido único do texto, mas dos vários sentidos que são (re)construídos. O efeito de texto único que aflora dessa fusão entre texto-primeiro e comentários não é dado por uma homogeneização ou neutralização das várias vozes que atuam, como se fossem uma só, mas pelo fato de atuarem em conjunto - e de maneira até divergente, muitas vezes - em torno de objetos evocados no *post*.

Sugerimos que o texto efetivamente emerge desse agir coletivo, dessa orquestração em que a plataforma digital está também implicada na regência, pela maneira como disponibiliza as afordâncias para a construção de sentidos.

Outro aspecto da textualidade que destacamos nos comentários de *posts* é o do limite, pois o texto formado pelos comentários digitais, diferentemente do texto poligerido pré-digital, permanece em aberto, com a possibilidade de os internautas o retomarem a qualquer tempo. Essa característica desestabiliza os limites do texto, que precisam ser reconsiderados a cada leitura. Isto aponta também para a noção de que o texto, enquanto unidade de sentido, pode ser redelimitado e de diversas maneiras: aqui indicamos algumas dessas possibilidades.

Além disso, reiteramos que os modos de se colocar no texto e interagir, renovados pelos próprios recursos tecnolinguageiros deste tipo de plataforma, ambiente e gênero digital, provocam uma complexificação da enunciação. Essa complexidade enunciativa também tem um efeito na textualidade, pois a sequência de comentários, no que pudemos observar, aumenta e modifica os encaminhamentos do texto-primeiro, configurando-o como um texto só,

⁸ Essa questão pode ser desenvolvida, em trabalhos futuros, sob a *dimensão topográfica dos textos digitais*, de Bolter (1991).

poligerido. Pode-se dizer, por fim, que vários enunciadores atuam, reinterpretando e (re)compondo o texto-primeiro, o que lhe dá unidade.

Em trabalhos futuros, sugerimos seguir investigando esses e outros aspectos do digital que venham a contribuir para a compreensão de como os textos se constituem nesse ambiente.

Referências

- ADAM, J-M. *Textes/discours et Co(n)textes*. [Entrevista a] ACHARD-BAYLE, G. In: *Pratiques: linguistique, littérature, didactique*, n. 129-130, p. 20-34, 2006.
- ADAM, J-M. *La linguistique textuelle - Introduction à l'analyse textuelle des discours*. Paris: Armand Colin, 2011.
- ADAM, J-M. *Faire texte: frontières textuelles et opérations de textualisation*. Besançon: Presses universitaires de Franche-Comté, 2015.
- ADAM, J-M. *Textos: tipos e protótipos*. São Paulo: Contexto, 2019.
- ANSCOMBRE, J-C; DUCROT, O. *L'argumentation dans la langue*. Bruxelas: Mardaga, 1983.
- APOTHÉLOZ, D; REICHLER-BÉGUELIN, M-J. Construction de la référence et stratégies de désignation. *Travaux Neuchâtelois de Linguistique (TRANEL)*, 23, p.227-271, 1995.
- BEAUGRANDE, R. *New Foundations for Science of Text and Discourse*. Cognition, Communication and Freedom of Access to Knowledge and Society. Norwood: Praga, 1997.
- BEAUGRANDE, R-A; DRESSLER, W. U. *Introduction to text linguistics*. Londres e Nova York: Longman, 1981.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Tradução de E. Guimarães. Campinas: Pontes Editores, 2006 [1974].
- BOLTER, J. D. *Writing Space Computers, Hypertext, and Remediation of Print*. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum, 1991.
- BOUSFIELD, D; LOCHER, M. A.(eds.). *Impoliteness in language: Studies on its interplay with power in theory and practice*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2008.
- CALABRESE, L. Le commentaire: continuités et mutations d'un outil au service de la lecture et de l'écriture. In CALABRESE, L. (org.) *Le commentaire du manuscrit à la toile*. Revue de linguistique française et d'analyse du discours. Paris: Editions L'Harmattan. 2019, p.7-28.
- CAVALCANTE, M. et. al. *Linguística Textual – Conceitos e Aplicações*. Campinas: Pontes Editores, 2022.
- CISLARU, G; OLIVE, T. *Le processus de textualisation*. Analyse des unités linguistiques de performance écrite. Louvain-la-Neuve: De Boeck Supérieur, 2018.
- CIULLA, A. *Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. 2008. 201f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística. Fortaleza, Ceará, 2008.
- CIULLA, A. Um lugar para a referência sob um ponto de vista da enunciação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 60, n. 3, p. 1-18, 2018.

CIULLA, A; CORTEZ, S. L.; SILVA, A. A. da; PINTO, R. Ampliação enunciativa em comentários de *webnotícia*: uma releitura de Paveau à luz dos estudos enunciativos benvenistianos *Revista Investigações*, Recife, v. 35, p. 1-31, 2022.

COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). *Letramento digital – Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CULPEPER, J. Politeness and impoliteness. In: AIJIMER, K; ANDERSEN, G (eds.) *Sociopragmatics*, Volume 5 of Handbooks of Pragmatics edited by Wolfram Bublitz, Andreas H. Jucker and Klaus P. Schneider. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011, 391-436. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/284700350_Politeness_and_impoliteness. Acesso em 28/04/2023.

DÉTRIE, C. Texte, textualité, modes de textualisation. *Congrès Mondial de Linguistique Française - CMLF'08*, Paris, 2008. p.19-36. Disponível em: <https://hal.science/hal-00438838>. Acesso em 15/05/2023.

FLORES, V. *Problemas Gerais de Linguística*. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

GIERING, M. E; PINTO, R. O discurso nativo digital e a noção de textualidade: novos desafios para a Linguística Textual. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 15, n. 31, p. 30-47, 2021.

GONÇALVES, M; CARRILHO, J. Comentando comentários: questões de texto, gênero e corpus. *Revista Da Associação Portuguesa De Linguística*, n.7, 2020, p.191–208.

KLEIBER, G. Contexte, interprétation et mémoire: approche standard vs approche cognitive. *Langue française*, n. 103, p. 9-22, 1994.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

MAHRER, R; MERMINOD, G. Pour une approche processuelle du texte: de la cohérence à la continuité. *Fabula / Les colloques, La dis/continuité textuelle*. Disponível em: <http://www.fabula.org/colloques/document8179.php>. Acesso em 15/05/2023.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MATOS, J. G. *As redes referenciais na construção de notas jornalísticas*. 2018. 259f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística. Fortaleza, Ceará, 2018.

MOIRAND, S. A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade. Tradutores Fernando Curtti Gibin e Julia Lourenço Costa. *Revista Linguagem*, v.36, p. 20-41, 2020.

ORTIGUES, E. *Interpretação*. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v. II, pp.21 8-23 3, 1987.

PAVEAU, M-A. *L'analyse du discours numérique*. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann, 2017.

PAVEAU, M-A. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Tradução de Júlia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes, 2021.

RIBEIRO, A. E.; NOVAIS, A. E. (Orgs.). *Letramento digital em 15 cliques*. Belo Horizonte: RHJ, 2013.